

**O Vínculo Ritual:
Um estudo sobre sociabilidade
entre jovens no urbano brasileiro
contemporâneo. (João Pessoa:
Editora Universitária UFPB,
2006) - Mauro Guilherme
Pinheiro Koury**

Raoni Borges Barbosa
Doutorando em Antropologia
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
raoniborgesb@gmail.com

A obra *O Vínculo Ritual* (Koury, 2006) trata das estratégias de sociabilidade e da cultura emotiva de um grupo de jovens moradores de bairros populares da cidade João Pessoa, Paraíba. Koury dialoga com autores destacados da Antropologia e Sociologia das Emoções (Elias, Goffman, Scheff, Turner, Sennet e outros) e com os clássicos das ciências sociais (Durkheim, Simmel e Weber) para o desenvolvimento de uma reflexão teórico-metodológica sobre as emoções a partir de uma descrição densa da cultura emotiva e dos códigos de moralidade de um grupo de jovens do urbano contemporâneo brasileiro. Os jovens do grupo, na condição de pessoa e projeto coletivo que engendra um ideal próprio de ser e de estar no mundo (ethos e visão de mundo), são identificados como o grupo Delta. Formado por jovens de 15 a 30 anos, de biografias difíceis (perda de parentes próximos, pobreza, gravidez na adolescência, abandono pelos pais, necessidade de trabalhar já na adolescência etc.), o Delta pode ser entendido como um grupo de autoajuda que opera para a construção de uma identidade coletiva que captura o outro de fora do grupo e o transforma em um novo ser. Este novo ser, enquanto pessoa ou indivíduo moral que existe no e pelo grupo, é investido da confiança deste *Nós relacional* que passa a integrar (através da experiência de batismo) e, assim, inicia o seu processo de aprendizado da ideologia Delta de igualitarismo, solidariedade e superação da identidade passada e vivência da cultura emotiva Delta.

O sentimento de pertença ao grupo, ou seja, àquele lugar de fala e àquela visão de mundo, implica uma luta constante pelo reconhecimento do mundo social do membro Delta como pessoa que superou suas próprias dificuldades. A entrada para o grupo é encarada como um renascimento, de modo que há um antes e um depois de ser Delta continuamente rememorado e performatizado. Esta ruptura com os de fora e com o passado é atualizada como discurso de desculpas e acusações pelos membros Delta, de modo que aparece como um mecanismo de controle dos membros do grupo, de administração das tensões com os de fora (distanciamento de possíveis elementos de contágio) e de classificação moral dos espaços e hierarquias do grupo. O Delta, como projeto coletivo, assim, exige de seus membros compromisso com o *Nós Relacional* que é o grupo, onde não há e não deve haver hierarquias morais ou clivagens quaisquer.

Este ator coletivo busca se caracterizar enquanto imagem e discurso para os de dentro e de fora a partir do esforço de coordenação das ações individuais no sentido de construção de uma sensibilidade comum sobre o que é ser e agir como Delta. Sensibilidade comum esta que se expressa em uma prática individual e coletiva em sintonia com um código rígido de moralidade em um cenário de monitoramento intenso

dos relacionais. Koury, neste estudo, busca desenvolver uma argumentação no âmbito da Antropologia das Emoções sobre os cenários tensos em que vivem os jovens no Brasil urbano contemporâneo: em redes mais longas e diferenciadas de interdependência e sem o “apoio” total das instituições tradicionais desindividualizantes da família, da vizinhança e da religiosidade para a organização de suas curvas de vida. Estes cenários de tensão e desorganização normativa são analisados sob a ótica dos medos, da vergonha, da confiança e da pertença enquanto emoções que conformam e informam um código de moralidade específico e uma sensibilidade particular cotidianos: a identidade coletiva Delta, pautada em uma onomástica e uma toponímica próprias, bem como em um código de conduta e comportamento que constrói a pessoa como indivíduo moral novo.

Neste sentido, o autor discorre sobre os processos intersubjetivos ou sobre os jogos de inter-relações entre os membros Delta em suas trocas materiais e simbólicas cotidianas e ordinárias, identificando as estratégias de evitação, os regimes de justificação e as vulnerabilidades interacionais, assim como o papel da vergonha e dos medos e da confiança e da traição no controle social e na estabilização de um padrão organizativo ideologicamente afeiçoado. Koury apresenta, deste modo, uma análise etnográfica dos processos organizativos internos dos Deltas, de sua práxis grupal, sob a ótica das emoções. O medo, emoção central desta sociabilidade, aparece como relação social significativa que conforma e informa os vínculos sociais que no contexto Delta aparecem como relações de confiança, confiabilidade, lealdade, fidelidade, gratidão, segredo, dádiva, traição, vergonha, deslealdade, amizade e outros. O medo de perder a face, de ser mal compreendido, de ser visto como um elemento de intriga e discórdia, de não atingir os ideais Delta de conduta, comportamento e sentimento por si e pelo outro do grupo e de fora de grupo, moldam o cotidiano do indivíduo moral que se desloca por cenários de tensão como membro daquela coletividade. A onomástica (processo de denominação, uso de apelidos e alcunhas, e classificação moral dos indivíduos no ato de alçá-los à condição de pessoa renascida no e para o grupo) aparece como elemento intenso de “[...] reviver e reconfigurar a fé e a confiança no grupo como um todo, em cada membro, e na relação de igualdade predisposta entre os diversos membros em relação”. (Koury, 2006: 11). A situação de cada membro antes da entrada no grupo, vista pelo grupo e pelo novo ser Delta como de crise existencial, passa a ser ressignificada no ato do batismo como passado a ser assumido e superado na prática coletiva de exercício do código de moralidade Delta. Esta ruptura passado/presente, vivida como ânsia de

transformação interior, de adesão ao grupo e aceitabilidade no mundo social mediante a participação no grupo, reforça a ruptura entre os de dentro e os de fora dos Deltas, sendo os de dentro classificados moralmente como dignos de confiança e de confiabilidade (envolvidos no projeto coletivo Delta) e os de fora identificados como o passado superado.

Esta fronteira entre estabelecidos e *outsiders*, sempre tensa e ambígua, já que o grupo se renova pela adesão de novos membros que precisam ser construídos como identidades cognitivo-emocionais Delta, bem como se mantém pela fidelidade ao grupo, somente possível mediante exercícios intensos de controle social, de presença coletiva e de evitação e administração das tensões cotidianas, aparece como a possibilidade atual e iminente de pequenas e grandes traições. Koury identifica nos medos e na vergonha as emoções centrais para o entendimento da tensão confiança-traição que se verifica entre os Deltas, em seus discursos de homogeneidade, igualdade e solidariedade entre todos os membros e de realização de um ideal de ser e estar no mundo enquanto superação da problemática existencial de onde cada membro originalmente se encontrava. Esta tensão confiança-traição, entendida no contexto da relação indivíduo-sociedade ou no choque entre cultura subjetiva e cultura objetiva, pode ser percebida claramente entre os Deltas nos usos dos apelidos de batismo ou registros de individualidade e aceitabilidade no sistema moral do grupo. Este exercício de pertença, vinculado à rememoração de um passado vergonhoso ao qual não se quer voltar, coloca os medos e a vergonha como estratégias de controle e integração social. O apelido, deste modo, não somente conforta e aproxima cada membro, como coloca Koury (2006: 7):

O reconhecimento através do nome, ou da denominação de si próprios como membros, parece construir e ampliar o sentimento de companheirismo e de pertença ao grupo, e permitir ao movimento em sua totalidade e a cada membro singular situar-se em um lugar de fala e de atribuição desde onde interage com os de fora. Pertencer ou sentir-se concernido é fazer parte do movimento, isto é, ser um Delta. O nome atribuído tem correspondência, também, assim, com os objetivos mais abstratos do movimento, situados na busca do reconhecimento do mundo social e de cada membro, através da aceitação da palavra e do sentido do grupo como fundação societária e às mudanças para cada um que os admite,

mas também traz consigo a possibilidade sempre latente de envergonhamento e de amedrontamento do indivíduo pelo grupo. O espaço interacional se configura, assim, como ambíguo e ambivalente, perpassado pelos silêncios, interditos e segredos de uma

dimensão oficiosa e liminar considerável entre os Deltas, exigindo de cada membro do grupo uma etiqueta específica de cuidados e de discrição como modo de se deslocar pelas fronteiras e hierarquias invisíveis no grupo.

O *Vínculo Ritual* está organizado em quatro capítulos, todos eles partindo da análise de aspectos centrais dos processos de sociabilidade entre os Deltas sob a ótica do medo. No primeiro capítulo se discute o sentimento de pertença a partir das categorias analíticas segurança, lealdade, disciplina, poder, medo, confiança e solidariedade. No segundo capítulo, a noção de medo aparece na análise do uso da onomástica como estratégia de apropriação do passado individual e ressignificação coletiva desta experiência individual trazida pelo novo ser ao grupo como instância de controle social, fundação societária e construção do indivíduo moral. O terceiro capítulo traz novamente a questão dos medos corriqueiros na análise da conformação das fronteiras dentro/fora e passado/presente entre os Deltas. O quarto capítulo contextualiza etnograficamente um caso de transgressão das fronteiras do grupo por um de seus membros. Este evento foi processado como uma quebra de confiança e redundou em um processo de expulsão e re-agregação do mesmo, expondo toda uma dinâmica de ações perpassadas pela tensão confiança-traição, pelos segredos e pelo oficioso e, em última instância, pelo medo de perder a face e de não conseguir realizar os ideais Deltas. A sociabilidade, os códigos de moralidade e a cultura emotiva Delta se caracterizam pela pressão moral que o grupo exerce sobre cada individualidade, constringendo-a cotidianamente desde a sua fundação como identidade individual inscrita no projeto, no tempo e no espaço coletivo Delta. Nas palavras de Koury (2004: 15) os sentidos da pertença no contexto Delta podem ser entendidos através da:

[...] fundação de uma sensibilidade por onde cada membro e o grupo como um todo se pensa e se constitui permanentemente como afirmação e projeto, e como possibilidades de integração na eficácia simbólica do segredo que une e assemelha cada Delta ao outro em uma rede tecida de forma tensa, ambígua e ambivalente, onde o medo configura-se como um elemento ativo e importante organizador das relações societárias da práxis grupal.

A ambiguidade e ambivalência nos processos de sociabilidade entre os Delta podem ser localizadas na tensão da construção de uma individualidade que se quer entender autônoma, mas que é fundada em um projeto de identidade coletiva do qual não pode escapar sem destruir-se a si mesmo e pôr em perigo todo o grupo. O medo da

traição e da não efetivação do projeto ideal de pessoal Delta constitui o vínculo ritual que une cada membro Delta como uma curva de vida inscrita em uma comunidade de afetos. Neste sentido, a confiança gerada entre os membros e entre cada membro e o grupo aponta para elementos de solidariedade dos que fazem parte do grupo, bem como para marcadores mais objetivos, tais como comportamentos sociais singulares, específicos, que atuam como fronteiras e linhas morais entre os de dentro e de fora do grupo Delta. A confiança promove ainda a segurança íntima de procedimento, de compartilhamento das regras do jogo interacional: o outro é classificado, cognitiva, emocional e moralmente como prolongamento do Eu, de modo que se torna sujeito de fala e de ação, um sujeito de sentidos.

A construção da confiança possibilita o nascimento simbólico do novo ser Delta para o mundo de sentidos do grupo através das trocas intersubjetivas, de modo que um lugar de visibilidade se organiza: um lugar de semelhança e de identificação, de familiaridade e de afetos, mas também de possibilidade de diferenciação, individuação e de fundação de individualidades. Na construção da confiança os membros articulam, portanto, geometrias variáveis de confiabilidade para cada membro do grupo. Ao ser introduzido nos Deltas o indivíduo é transformado em uma pessoa relacional e passa a fazer parte de um sistema moral que se entende como comunhão de interesses e vontades, como projeto coletivo, comunidade de interesses e de compreensão do mundo. Esse processo de constituição da pessoa relacional é articulado como uma revelação que deve transformar a pessoa segundo a cultura emotiva do grupo, que exercita a confiança e a confiabilidade no novo membro. Confiança e confiabilidade, assim, comunicam um sentimento de proteção e de lealdade a uma comunidade moral, a partir da qual o indivíduo moral infere os fins (valores) e os meios (normas) da ação social legítima. O confiar e o conceber confiança, assim, são operadores da ação social no sentido em que minimizam o problema da contingência e da complexidade inerentes ao espaço interacional, sempre tenso, conflitual, indeterminado e em constante refazer-se. Confiança e confiabilidade constituem os elementos basilares do elo de reciprocidade, sobre o qual o sistema moral se organiza através de processos intersubjetivos e comunicam, deste modo, os sentimentos de honra, honestidade, sinceridade, pureza de sentimentos e outros, bem como define o que pode vir a ser classificado como ofensa moral. A performance cotidiana dos Deltas se pauta no esforço de manter a ordem social, ou seja, de evitar situações de quebra de confiança que ponham em risco a segurança interna e externa do grupo.

Como afirma Koury (2006: 29): “Parece pairar no ar uma contínua advertência sobre como se comportar, como se portar, o que se pode dizer e o que se pode calar”. Os fenômenos da confiança e confiabilidade indicam, portanto, a cristalização de um espaço interacional tanto na dimensão da cultura subjetiva quanto da cultura objetiva, ou seja, os indivíduos relacionais partilham de uma autodisciplina mínima exigida pelo constrangimento do encontrar-se com o outro, sempre uma aventura recheada de medos e vergonha. A intensa pessoalidade e a co-presença acentuada que caracteriza os Deltas como sociabilidade engolfada, onde cada membro deve subsumir-se à identidade coletiva, restando seus projetos de individuação e de individualização, indica uma cultura emotiva regulada por um forte sentimento de vergonha, do medo de não estar à altura da moralidade do grupo. Nas palavras de Koury (2006: 29):

Vergonha é um sentimento socialmente expresso que implica em um compartilhamento da emoção com todo um complexo grupal e sua rede relacional. Sentir-se um indivíduo com vergonha tem o significado de ser alguém de crédito, alguém a quem se pode confiar e ser considerado leal. Os conceitos de fidelidade e confiança permitem um plexo de segurança e conformidade individual assegurada pela vergonha como elemento constitutivo do caráter. Caráter individual este coadunado com o caráter moral do grupo. Ter vergonha na cara, assim, é sinônimo de um sujeito disciplinado, no sentido de uma pessoa consciente de suas ações e compromisso para com o grupo e os outros relacionais.

Koury argumenta, assim, no sentido da conformidade moral, cognitiva e emocional dos indivíduos relacionais enquanto *Nós relacional* como processo basilar da emergência de uma cultura emotiva. Desta forma, os sentimentos de pertença, confiança, medos, vergonha, lealdade, fidelidade e outros aparecem como vínculos sociais não somente subjetivamente, mas objetivamente situados e expressos nas ações dos indivíduos relacionais que movimentam um sistema moral. A identidade individual, nestes processos intersubjetivos, não se dissocia da identidade coletiva e o Eu se constrói e se reconhece enquanto *Nós relacional*, na forma de compromisso moral, de compartilhamento de sentimentos e de projetos. O compartilhamento de sentimentos se verifica na articulação de medos corriqueiros nos discursos e ações dos membros do grupo, mas também no sistema vergonha/orgulho que orienta as ações individuais e coletivas. O orgulho que enfatiza a pertença ao grupo aparece em discursos de sacrifício pessoal, enobrecimento e autodisciplina, classificados como ações modelos. Estas ações modelos, bem como a pressão moral pela subsunção do corriqueiro e ordinário no

“ideal”, geram um cenário tenso de medos, vergonha, suspeição, silêncios e discrição, e ainda de disputas morais em torno de negociações sobre fronteiras e hierarquias invisíveis negadas pela ideologia do grupo, mas que operam como um intrincado e confuso sistema de proteções e intermediações. Ocultar, salvar e elaborar a face aparecem como exercícios cotidianos de indivíduos relacionais, mas se tornam parte central de uma etiqueta pautada na discrição e no autocontrole de si quando estes relacionais são expostos ao constrangimento de espaços interacionais engolfados ou de cadeias de interdependências longas e complexas, onde paira sempre o medo da humilhação e a pressão moral do estigma, ainda que vergonha e medos sejam invisibilizados. Nas palavras de Koury, a sociabilidade Delta se caracteriza pelo: “[...] trânsito entre os diversos subsetores hierárquicos de intermediação parece, assim, configurar-se como um exercício de tensão e medo cotidiano de explicitação, e em um aumento da discrição” (2004: 44).

A discrição, assim como a dimensão oficiosa dos processos interacionais, coloca o segredo como bem simbólico que une os relacionais em torno de um bem simbólico exclusivo, que remete a experiências e memórias singulares, bem como aponta para a confiança e confiabilidade depositada no outro da relação. Koury destaca, em uma leitura simmeliana, a positividade do segredo para a conformação do social: momento instituinte fundamental do social, o segredo assemelha e sedimenta o *Nós relacional*, possibilita a construção de projetos comuns e de uma teia de significados que norteia a ação coletiva. O segredo, contudo, remete ao medo da traição, o outro como fonte de medos e angústias, e à necessidade de controle social e de administração das informações sensíveis que possam pôr em risco o vínculo social. O segredo, assim, está recheado de inseguranças e de estratégias de disciplinamento de si e do outro que buscam manter a eficácia simbólica das linhas e fronteiras morais que busca preservar ou expandir oportunamente. No entender de Koury (2006: 45):

O segredo pressupõe, assim, diuturnamente, o medo da traição. Indica a forma de revelar ao outro a intimidade e singularidade de uma comunidade (de afeto, de interesses), como modo de desfazer esta própria comunidade pelo desmacaramento daquilo que simbolicamente diz sobre a sua especificidade e unicidade frente às demais.

A partir da reflexão etnográfica que constrói sobre os Deltas, Koury discorre sobre o social como jogo tenso, conflitual, indeterminado, de disputas morais e

negociações indenitárias (onomástica, toponímia, administração das tensões). No jogo social, as emoções centrais como medo, vergonha e pertença são processualmente articuladas em uma cultura emotiva dada na medida em que confiança, confiabilidade e segredo, enquanto operadores do social e estratégias de aproximação e afastamento, semelhança e dessemelhança, engendram os processos de reciprocidade, lealdade e fidelidade de um sistema moral. Koury, em *O Vínculo Ritual*, apresenta conceitos caros à Antropologia e Sociologia das Emoções, como: medos e pertença; vergonha e orgulho; confiança e confiabilidade; lealdade, fidelidade e reciprocidade; segredo e traição; sistema e complexo moral; indivíduo relacional (pessoa) e outros. O autor buscou apresentar uma reflexão sobre os sentidos da pertença engendrados nos processos de sociabilidade de indivíduos relacionais que se deslocam em cenários tensos de constituição identitária, individual e coletiva sob a ótica do medo da traição e da insegurança individual de não realizar o ideal do grupo.

Palavras-chaves: Antropologia das Emoções; Medos e Pertença; Confiança e Traição.